

12-1-2015

Congresso Eucarístico - Sumbe: A Eucaristia e os desafios do esoterismo ocidental, em particular o Neo-gnosticismo

Manuel de Sousa Gonçalves

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

de Sousa Gonçalves, M. (2015). Congresso Eucarístico - Sumbe: A Eucaristia e os desafios do esoterismo ocidental, em particular o Neo-gnosticismo. *Missão Espiritana*, 25-26 (25-26) Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol25/iss25/50>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

CONGRESSO EUCARÍSTICO - SUMBE A EUCARISTIA E OS DESAFIOS DO ESOTERISMO OCIDENTAL, EM PARTICULAR O NEO-GNOSTICISMO

1. INTRODUÇÃO

Reparem no título. Ele refere duas correntes de ideias que, embora próximas à religião, resultam de uma mistura, elaborada ao longo de séculos, onde confluem elementos “para-religiosos” (isto é, semelhantes a religião mas não de pura religião), e mitos de culturas antigas do hemisfério norte. É desse género, ainda na atualidade, uma campanha em curso da Maçonaria portuguesa pela divulgação do que chamam “Sabedoria das antigas Civilizações”, mediante cursos sistemáticos que fornecem teorias e conceitos de natureza esotérica, colhidos na história de antigas tradições culturais. Digo que se trata de correntes “para-religiosas”, porque em geral não têm culto propriamente dito; promovem uma espécie de “catequização” teórica, e propõem a experiência (característica de todo o Gnosticismo) de uma auto iluminação psíquica (uma espécie de transe, semelhante ao que em Angola chamam de “xinguilamento”, estado em que pronunciam e os assistentes captam, ou o próprio capta e depois transmite, dados teóricos sobre Deus-mundo-homem, e a relação que os une).

Mas será que Esoterismo e Neo-Gnosticismo são a mesma coisa? Sim e não. São do mesmo género, mas esoterismo é conceito mais vasto, incluindo o próprio Gnosticismo. De certa forma, todos os Grupos e correntes esotéricas bebem na mesma fonte, que foi a corrente de filosofia religiosa divulgada na cultura helenista desde o século II antes de Cristo até ao século IV, e que ficou na história com o nome genérico e abrangente (pois os grupos eram diversos e numerosos) de Gnosticismo. Por sua vez, este resultou do encontro de teorias religiosas do Egipto conhecidas como Hermetismo, com a cosmologia (ou “modo de entender o mundo”), de cariz platónico, que era comum naquele tempo e espalhada entre o povo. A corrente gnóstica desenvolveu-se ao lado do cristianismo, em expansão nas costas do Mediterrâneo oriental. Dela resultaram cerca de 80 escritos, que chamamos “apócrifos” dos primei-

ros séculos da Igreja”, ou “literatura gnóstica”, que o atual Esoterismo retoma e pretende valorizar (exemplo disso foram os livros gnósticos “Evangelho de Judas” e “Evangelho de Filipe” - escritos que nunca foram “evangelho” e que nenhum Apóstolo escreveu). O Esoterismo atual chega ao ponto de querer fazer passar essa literatura por “cristianismo alternativo”, que a “Igreja oficial” teria acabado por suprimir. Essa literatura nunca foi cristã, pois foi obra de autores pagãos tentando infiltrar-se nas Comunidades, ou de cristãos semimarginais; e o conteúdo desses livros é uma mistura de paganismo com elementos cristãos (como a pessoa de Cristo, as ideias de salvação e de imortalidade...), seja por sincretismo, seja por releitura de escritos cristãos em chave gnóstica. Este Gnosticismo morreu de morte natural ao longo do século IV, por ação expurgatória de vários Padres da Igreja, defensores da Tradição Apostólica (S. Justino, Orígenes, Hipólito de Roma, e acima de todos o bispo missionário e asiático S. Ireneu de Lyon (França), e ainda, no século IV, o bispo S. Epifânio de Salamina (em Chipre) que, no seu “Panárion” (isto é, “Remédio contra todas as heresias”) refuta uns 80 grupos gnósticos. Extinguiu-se também esse Gnosticismo (onde abundava mitologia pagã) porque os seus arautos e mestres perderam credibilidade perante o povo pelo facto de fazerem tudo para escapar ao martírio nos tempos de perseguição (eles, que se apresentavam como “perfeitos”, enquanto chamavam aos cristãos comuns de “simples psíquicos”, ignorantes da “gnose”). Ao contrário, os pastores e cristãos comuns consideravam o martírio como uma “luta contra o demónio” e um testemunho supremo da sua fé. A firmeza dos mártires impressionava os não-cristãos, e contribuiu para atrair muita gente à fé, a ponto de o advogado cristão Tertuliano ter afirmado que o “sangue dos mártires se tornava semente de cristãos”. Porém, desses “Mestres” gnósticos ficaram os escritos (que a Igreja nunca destruiu, limitando-se a proibir a sua leitura pública, (isto é, o seu uso nas reuniões das Comunidades), e por vezes “anatematizando” esses Mestres, isto é, excluindo-os das Comunidades.

Dado importante é o seguinte: o Judaísmo foi tocado pelas ideias gnósticas, e à luz delas começaram Gnósticos judeus a reinterpretar o livro do Génesis, segundo uma hermenêutica (ou “regras de interpretação”) que inventaram. Daí veio a chamada “Kabala” (de que falarei mais à frente), popularizada pelos Judeus do sul da Espanha durante a Idade Média, a qual, com ideias do Gnosticismo e as teorias do Hermetismo egípcio, constituirão nos séculos XVI-XVII a matriz donde nascerá o Esoterismo ocidental.

Nos séculos II-III, autores gregos puseram por escrito as ideias centrais do Hermetismo egípcio, com a coleção de 15 pequenos escritos que relatavam ideias e o método de iniciação no culto da deusa Ísis (a mais popular do Egipto),- coleção que ficou conhecida com o nome de “Corpus Hermeticum”

–escritos atribuídos a um autor legendário, presumível sacerdote do tempo do deus Toth (o “deus” da sabedoria e das artes, “inventor” do alfabeto, o qual corresponde, quanto a funções que lhe atribuíam, ao deus grego “Hermes”). O autor lendário do “Corpus Hermeticum” recebeu por isso o nome de “Hermes Trimegisto” – “três vezes o maior”. A coleção Hermética foi redescoberta no século XVI, traduzida na “Academia Platónica” de Florença, e muito espalhada entre os filósofos da Renascença, a ponto de ter tido 15 edições em 20 anos, na Itália e na Alemanha, em língua vernácula ou em latim; ainda hoje o “Corpus Hermeticum” é a cartilha principal de todo o Esoterismo.

Falar de NEO-GNOSTICISMO equivale a referir-se à parte maior do Esoterismo atual, bem definida: os Grupos neo-gnósticos revalorizaram a literatura do antigo Gnosticismo e retomaram a maioria das suas ideias (todas, incluindo os 7 céus concêntricos do esquema cosmológico de Ptolomeu, apesar de rebatido por Galileu e outros astrónomos da Idade Moderna); as noções de Plêrôma, de “éons” ou “seres” derivados da Divindade, multidões de anjos povoando o espaço entre os astros (os “arcontes”) – tudo, menos a ideia da “maldade” da matéria e do que é material. Desse modo, a expressão “Esoterismo ocidental” significa uma vaga de ideias mais ou menos panteístas (“tudo é Deus”, ou “Deus é tudo quanto existe”, ou “Deus é apenas a energia cósmica e impessoal que está em tudo o que existe”). São grupos “iniciáticos” (pois essas ideias exigem “iniciação”, para serem entendidas e assim se poder entrar no Grupo esotérico). Essa vaga é um caudal que tem raiz no Hermetismo egípcio, espalhado na cultura helenista (principalmente na sua capital cultural que era Alexandria) desde o século II antes de Cristo, assente na cosmologia platónica das emanções saídas da Divindade e em decadência sucessiva até à matéria. A essa “fonte divina” (a que davam nomes diversos – “Inteligência suprema”, “Pai Universal”, “Grande Abismo ..), com as principais emanções nela subsistentes antes de emigrarem para a terra, davam o título de “Plêrôma” – a “Plenitude”.

No Novo Testamento, há um ou outro vestígio de terminologia e mentalidade gnóstica – era a cultura popular do tempo. Antes de mais o termo “gnôsis”, que S. Paulo emprega, mas em sentido cristão, por exemplo na Carta aos Efésios, significando “conhecimento” (como no Gnosticismo), mas neste caso conhecimento pela fé em Cristo. Trata-se apenas de “aderências culturais” a nível de linguagem popular, não de infiltração de ideias gnósticas. Bem ao contrário: nas Cartas dos Apóstolos há numerosas chamadas de atenção (umas 20) sobre o risco de os cristãos se deixarem baralhar por ideias estranhas à fé em Cristo. Trata-se frequentemente de referência a teorias dos cristãos judaizantes; mas outras vezes o aviso diz respeito à “gnose”. Por exemplo na 1ª Carta de S. João, cap. IV, acerca da realidade do Corpo humano do

Verbo Encarnado. Por ser material, o Gnosticismo antigo, sobretudo o Grupo dos “Docetas”, afirmava que o corpo de Cristo era apenas aparente, uma “ilusão” provocada pela Divindade. Negando a realidade da Encarnação, negavam também a realidade da Crucifixão, Redenção e Ressurreição. Como na Cruz morreu alguém, pois que o soldado romano atingiu o peito do Crucificado, diziam que afinal fora Simão de Cirene que fora crucificado em vez de Jesus; ou que a poção que deram a beber ao Crucificado foi um “entorpecente”, de modo que Jesus desmaiou mas sobreviveu (isto contradiz claramente a descrição das cenas do Calvário que vem nos Evangelhos). Mas ainda hoje há Grupos Neo-Gnósticos que afirmam que Jesus sobreviveu à Cruz, e o próprio Corão islâmico nega que Jesus tenha morrido na Cruz (Maomé teve contacto com grupos gnósticos cristãos da Síria, quando ia a Damasco em comércio). Na Carta aos Colossenses, Paulo refere uma lista popular de “seres “ adversos com que o Gnosticismo povoava o espaço extraterrestre, mas para dizer que foram vencidos por Cristo, o qual (à imitação dos generais romanos quando, regressados a Roma, desfilavam até ao Capitólio com o seu “cortejo triunfal” de reis vencidos, despojos e população feita escrava). O texto de Heb. 13.7, condensa esses pré-avisos dos Apóstolos: “lembrai-vos dos vossos “mais velhos” que vos pregaram a Palavra de Deus..., e imitai-lhes a fé. Jesus Cristo é sempre o mesmo, ontem, hoje e por toda a eternidade. Não vos deixeis transviar por doutrinas incertas e estranhas”.

2. QUESTÕES DE TERMINOLOGIA E DE EVOLUÇÃO HISTÓRICA

ESOTÉRICO E ESOTERISMO: Atribui-se ao teólogo Clemente de Alexandria, responsável no século III da “Escola Catequética” da sua cidade (a 1ª Faculdade de Teologia da Igreja), a cunhagem dos termos “esotérico” e “exotérico”, donde veio depois, nos tempos modernos, “esoterismo”. Segundo Clemente, Deus, que quer a salvação de toda a Humanidade, conduziu ao longo da história o pensamento dos homens de modo que eles se preparassem para acolher Cristo. Desse modo, via a filosofia grega de maneira positiva: ela fora uma “preparação evangélica”. Nesse contexto, falando do filósofo Aristóteles, distinguia na escola dele duas espécies de ensino: um, vasto e aberto a todos, voltado para o exterior: era “exotérico” (termo que significa “para fora”); outro, restrito e reservado a “iniciados”, que chamou “esotérico” (o termo significa “para dentro”). Grupos esotéricos, pela etimologia da palavra, serão pois grupos fechados em si, com ensino reservado, “iniciáticos”, isto é, que exigem iniciação prévia para poder fazer parte do grupo. Todos os grupos do antigo Gnosticismo e todos os do Neo-Gnosticismo atual são “esotéricos” e “iniciáticos”, no sentido

de que os candidatos terão de começar por absorver as teorias do grupo, entender os seus simbolismos, e praticar algum rito (em geral mágico) que signifique entrada no grupo. O Esoterismo atual oferece um esquema de pensamento sobre Deus, o mundo e o homem (em unidade e mútua correspondência), de cariz panteísta (isto é, “tudo tem centelha divina”).

O culto dos símbolos entrou no Gnosticismo por influência das escolas Pitagóricas (do filósofo e matemático Pitágoras), que exploravam o “sentido oculto e místico” dos números, já que, segundo eles, tudo na Natureza obedece a números, sobretudo o número 3, que por isso “é divino”. A exigência de “iniciação” proveio da influência do Hermetismo egípcio e do culto da deusa ÍSIS.

HERMETISMO: foi o conjunto de teorias para-religiosas e práticas iniciáticas ligadas ao culto de Ísis (3 a 4 séculos antes de Cristo), a deusa mais popular do Egipto. Dizia a tradição que foram ensinadas pelo deus “Toth”, deus egípcio correspondente ao grego “Hermes” – deuses, nas mitologias locais, das artes e das ciências. Esses conhecimentos teriam sido escritos por um sacerdote mítico de Toth, que ficou com o nome de “Hermes Trimegisto”. A sua coleção de 15 livros, o mais famoso dos quais era a “Tábua da Esmeralda”, foi depois traduzida pelos gregos e por eles espalhada com o título de “Corpus Hermeticum”.

O Hermetismo baseia-se nestas “leis”: lei da globalidade: céu, terra, mundo visível e mundo invisível constituem uma só e mesma realidade, de forma que se correspondem entre si e são mutuamente dependentes (daqui sai a fundamentação para a Astrologia); lei da vibração universal e do vitalismo: tudo tem “alma” (ideia vinda também da Filosofia grega do “estoicismo”), tudo tem vibração vital, porque tudo tem “parcela vital” emanada de Deus, mesmo as plantas e os minerais (no século XVIII, um pensador sueco, Manuel Swedenborg, reforçará, na corrente do esoterismo, essa ideia do “vitalismo” universal); lei da androginia: tudo tem, simultaneamente, dimensão masculina e feminina, em complemento mútuo. O Gnosticismo antigo, nessa linha, dirá que as emanações saem de Deus aos pares, com elemento masculino e feminino; mas a “alma humana”, na travessia para a terra, perdeu a parte masculina; tem por isso de a recuperar mediante a “gnose”, por forma a escapar à matéria onde ficou prisioneira (lembrar Platão), a fim de poder voltar ao “Plêrôma” donde saiu. Mais que filosofia, neste caso trata-se já de mitologia. A salvação gnóstica era essa libertação da matéria e o retorno, refeita a androginia, ao seio do “Plêrôma”, no “8º céu”.

Podem ver um resumo do antigo Hermetismo nas páginas 58-62; do antigo Gnosticismo, nas páginas 75-84; e da “Kabala” judaica nas páginas 62-63, do meu livro “Que tem de errado o Código da Vinci”.

ALQUIMIA: foi um conjunto de teorias e práticas, herdadas da cultura árabe, muito divulgado na Idade Média europeia e até finais do século XVII. Os alquimistas, por tentativas de fusão e mistura, procuravam maneira de obter ouro a partir do chumbo. Depois, o Movimento usou recurso a práticas mágicas, tomou uma certa coloração espiritual de transformação da personalidade, e elaborou teorias sobre a relação entre Deus-Mundo-Homem, na linha do antigo Gnosticismo. Sonhou conseguir uma “pedra filosofal” que resolvesse todos os problemas do conhecimento e da vida, e um “elixir (ou xarope) de eterna juventude”. É fácil de perceber que nesse esquema de pensamento e técnica rudimentar entrava bastante imaginação, credulidade, e prática de magia. O Movimento durou até ao século XVIII, e deixou nomes célebres na história, como Cornélio Agripa (um dos pais do “ocultismo”, cujo aparecimento foi favorecido pelas crenças alquimistas) e Paracelso. As teorias e práticas da alquimia vieram a dar, expurgadas, a Química moderna; e influenciaram fortemente, nos séculos XVII-XVIII, a marcha para a frente da vaga do Esoterismo, com a ideia de aspetos “ocultos” dentro das realidades naturais, que podem ser atingidas pela decifração de códigos inscritos na Natureza, e cuja interpretação está ao alcance somente dos “iniciados”. Este gosto pelos símbolos naturais juntou-se ao gosto pelo simbolismo dos números (a “aritmologia”, herdada dos Pitagóricos gregos); e a vaga esotérica foi crescendo.

KABALA: no uso comum, uma “cabala” é um conluio de várias pessoas para atingir determinado fim, de maneira nem sempre honesta. Não é esse o sentido específico do termo, na história das ideias e do Esoterismo. Em língua hebraica, “kabbalah” significa “tradição”. Neste caso, o Movimento Kabalista, ativo na Idade Média e cultivado pelo Judaísmo do sul da Espanha, não é mais do que um sistema de ideias acerca da pretensa “unidade panteísta” entre Deus-Natureza-Homem, resultante da influência do antigo Gnosticismo sobre o pensamento e cosmologia judaicos. Os Kabalistas reinterpretavam o livro do Génesis em chave gnóstica, e desenvolveram um método de hermenêutica (ou “interpretação de textos”) em que usavam “aritmologia” (facilitada pelo facto de que as letras do alfabeto hebraico também valem como números), “anagramas” (isto é, lendo as palavras ao contrário), corte e junção de sílabas de diferentes palavras de uma frase, etc. Era o “método cabalístico”, que nos séculos XVI-XVII alguns pensadores aplicaram aos livros sagrados do cristianismo, pretendendo fundar uma “Kabala cristã”. Os Kabalistas judeus afirmavam que, além de ter lançado a tradição oral que deu origem à Lei (a “Tôrã”), Moisés tinha comunicado “verdades secretas” sobre Deus e o mundo a um grupo de discípulos, os quais prosseguiram e desenvolveram essa tradição. Em realidade, o pensamento kabalista é um derivado do anti-

go Gnosticismo. Mas ele fundamentou uma corrente de espiritualidade ainda hoje cultivada por vária gente, e publicitada por rabinos sediados em Israel: uma espiritualidade de procurar sentir-se em unidade com a Natureza e com a “energia divina” que habita o mundo (na sua opinião); e ainda de procura de união com a Divindade, mas esta entendida à maneira gnóstica: como um Ser Supremo impessoal e panteísta, bem afastado do “Deus-Yaveh” do Antigo Testamento. As ideias da Kabala tiveram enorme influência na eclosão e crescimento do Esoterismo ocidental.

“TEOSOFIA” (e a “Antroposofia”, algo semelhante e dela derivada): foi e é uma corrente de ideias “para-religiosas”, desta vez a partir da filosofia religiosa do Hinduísmo, que se desenvolveu nos séculos XVII-XVIII, e trouxe ao Esoterismo a ideia da descoberta religiosa (a teoria e a prática) através de uma “iluminação pessoal”. A Teosofia (o termo significa “sabedoria de Deus”) não aceita doutrinas religiosas reveladas, afirmando que a sua veracidade não pode ser controlada, não podendo por isso garantir certezas. Acham ser mais fiável uma “iluminação” pessoal, em cuja experiência se tem a sensação de ter “recebido” algo seguro e transformante, e durante a qual se poderá exprimir para si e para o grupo verdades intuídas nessa experiência iluminante. Os “Teósofos” não notam quanto nisso poderá haver de subjetivo e de projeção do que o psicólogo Karl Jung chama de “arquetipos ancestrais”, escondidos na psicologia profunda do indivíduo ou no seu “inconsciente”.

Deve notar-se que esta corrente esotérica, iniciada nos séculos XV-XVI, tocou e infetou a Maçonaria, nessa altura em gestação. A Maçonaria foi na Idade Média uma Associação dos construtores de igrejas e catedrais, que andavam de terra em terra, tinham regras e leis de Associativismo, e obrigações de natureza religiosa. Eram grupos cristãos. Porém, com a movimentação de ideias do fim da Idade Média, a influência da alquimia e da Kabala, e depois com o abalo da Renascença, distanciou-se da sua origem cristã, adotou algumas ideias do Hermetismo, criou mitos sobre uma pretensa origem já desde o tempo de Noé e a ideia de que eram os continuadores de quem construiu o Templo de Salomão em Jerusalém (a atual Maçonaria ainda não se libertou destes mitos, entre eles o do seu antepassado, o arquiteto Hiram do “Livro dos Reis”). Simultaneamente, as ideias do Hermetismo e o mais que “mexeu” o ambiente filosófico da Renascença atingiu também um grupo para-religioso originado na Alemanha no século XV, o qual virá a cruzar-se com a Maçonaria e com ela vai crescer e cimentar-se: os ROSA-CRUCIANOS (hoje, uma potente Federação, implantada em todo o mundo e sediada nos Estados Unidos, com milhões de aderentes, presente na maioria dos países: - é talvez hoje em dia, em termos sociológicos, o grupo mais anticristão dentro do vasto quadro do Esoterismo atual. Promove uma “gnose” panteísta de “auto iluminação”, e

um sistema de ideias em que afirma a unidade de tudo, na “energia divina” que pervade o Universo, e de que o espírito humano é “centelha” qualificada. Para imaginar a potência da vaga esotérica criada nos séculos XV-XVI, falta ainda falar da influência do “Ocultismo” e do “Espiritismo”.

O chamado “Ocultismo” (derivado do apreço pela alquimia) compreende duas espécies de “crença” e de atitudes: a crença em aspetos “escondidos” no interior das realidades naturais, das quais captamos apenas o exterior, a casca; esse “interior” das realidades naturais estão ao alcance somente dos “iniciados” gnósticos, porque eles aprenderam na iniciação a detetar os “símbolos” naturais e a interpretá-los, pois que são “esotéricos”, ou “interiores”; neste campo, jogam a imaginação pessoal e as tradições esotéricas sobre simbologia, que aplicam, além da Natureza, sobretudo à arte – pintura, escultura, e até à música – é o caso do famoso trecho de Mozart “A Flauta Mágica”, pretensamente veiculador de mensagens esotéricas, na opinião dos “Ocultistas”. Uma crítica a fazer é que estes “simbologistas” parecem obcecados com simbologia sexual, que veem até em arte sacra, onde ninguém vê nada disso, no concreto do que escultores e artistas fabricaram.

A outra componente do “Ocultismo” é o cultivo do que chamam “ciências ocultas” (astrologia, magia, aritmologia ou simbolismo dos números, também dita “numerologia”).

ESPIRITISMO é a crença na possibilidade de contacto com o “espírito” de pessoas falecidas, ou até “seres extraterrestres”, por um “médium” pessoa com capacidade parapsicológica especial, treinada de forma a ser capaz de evocar mortos e estabelecer contacto (suposto) com eles. Usam para tal o que se chama “channeling” (popular em vários grupos da nebulosa do New Age, e no Rosa-Crucianismo), o qual consiste em o “médium” reforçar a sua capacidade de comunicação extra-sensorial com a ajuda em “cadeia” de outros (“channel” em inglês significa “canal” ou “meio de comunicação”). Aham poder assim comunicar com “Mestres” de antigas Sabedorias, e obter deles informação para as suas teorias esotéricas. O Espiritismo, popular desde meados do século XVIII, trouxe ao Movimento Esotérico essa crença em tal possibilidade de prática do “channeling”, usado na maioria dos Grupos Neo-Gnósticos. Desse modo e por essa via, tentam obter informação de “sabedoria”, por contacto “mediúnico” (por um “médium”) com um sábio ou Mestre religioso de antigas Tradições.

O Esoterismo faz também uma leitura própria da história das religiões, colocando cada uma em relação com o ciclo astrológico e a sua região de implantação. Dirão por exemplo que, na “Era dos Peixes”, o cristianismo era a “religião exotérica” (“exterior”) da Europa, tal como o Islamismo o era para o Próximo Oriente e o Budismo mais o Hinduísmo para a Ásia. Mas, fiéis

à sua tese do Ocultismo, acrescentam que o “núcleo interior” ou “esotérico” de todas as religiões é o mesmo, dado que (afirmam) houve no princípio da história uma revelação inicial de “sabedoria religiosa”, que cada povo e cultura adaptou para os seus condicionalismos. É por isso que, no Rosa-Crucianismo, cada membro deve ter duas atitudes religiosas: uma “exotérica”, seguindo a religião da sua área cultural; outra “esotérica”, procurando descobrir na religião da sua área e na religião de antigas Sabedorias, os traços comuns a todas as religiões. Com base nisso, dir-se-á nos Grupos esotéricos: cada um pode ser ao mesmo tempo cristão ou muçulmano, mas também seguir a “Nova Acrópole” (fortemente gnóstica) ou o Rosa-Crucianismo. É ainda com essa base que alguma Maçonaria mais radical e o Rosa-Crucianismo, na atualidade, tentam promover uma “religião universal” própria do tempo da globalização, superando de vez as religiões instituídas, sobretudo se são dogmáticas como o Cristianismo, ou marcadas na história por actos de intolerância. A ideia da “pertença plural e simultânea” a uma religião tradicional e a um Grupo cultor do Esoterismo pode parecer que indicia a tolerância interna desses Grupos, mas no fundo é bem capciosa – é uma “ratoeira” para os incautos.

Nos Grupos Esotéricos procura-se também desenvolver as capacidades “psíquicas” e parapsicológicas dos membros. Distinguem assim a “dimensão exotérica” da pessoa, aparente; e a sua “dimensão esotérica”, escondida, mas com muitas capacidades ocultas. Desse modo, os “iniciados” aprendem técnicas e exercícios que desenvolvam as suas capacidades magnéticas e psíquicas (ocultas), de forma a adquirirem “poderes taumatúrgicos”, como fazer “levitação”, adivinhar e curar doenças, transmitir o pensamento, etc. Várias dessas técnicas de “desenvolvimento do seu potencial humano” foram tomadas do hinduísmo ou do “reiki” japonês. Há ainda um culto do exercício sexual, em consonância com o chamado “tantrismo” hindu (entende e procura exercer sexualidade como experiência de transcendência humana, com pretensão efeito de “espiritualidade” que aproxima do divino, supostamente). Praticam-se ainda o espiritismo e o “channeling” com Mestres de antigas Sabedorias (supostamente), adivinhação, magia, a teoria hindu das “chacras” ou concentrações maiores, no corpo, da energia psíquica; e o “Kundalini”, ou teoria do “revigoramento” do próprio organismo humano por “descargas” de energia em que a sexualidade tem o seu lugar. Muitos Grupos esotéricos seguem o vegetarianismo, a meditação (para a qual aprendem as técnicas do hinduísmo), a dança sagrada, os medicamentos suaves, as artes marciais, o yoga, tudo numa visão “holística” (ou global) do homem e do Universo, em ligação com a Divindade, vista como uma Energia Cósmica universal, impessoal. O suporte ideológico de tudo isto é uma “teogonia” (teoria sobre Deus) e uma “cosmogonia” (teoria sobre o Mundo e o homem) marcadamente gnós-

ticas e panteístas. Dado tudo isto, como pode um cristão ter “dupla pertença”, aderindo a estes Grupos e ao que eles apresentam como “Sabedoria”, colhida das muitas “sabedorias religiosas” da Antiguidade, mas com uma noção de Deus e de Cristo em contradição com o núcleo central da fé cristã?

Mas, chegados a este ponto, é tempo de condensar as teorias do Neo-Gnosticismo e do Esoterismo.

3. IDEIAS GERAIS DO ACTUAL ESOTERISMO (INCLUINDO O NEO-GNOSTICISMO)

Deve ter-se em conta que se trata de um Movimento amplo e muito diversificado. Porém, ameaçador para a Igreja e o Cristianismo, por três razões: apresenta-se como “SABEDORIA ALTERNATIVA “às religiões instituídas, mais condizente que elas com as características da Modernidade e a atual época da Globalização humana; tenta reler os conteúdos e a história do Cristianismo em chave de leitura de tipo gnóstico (definida pelas teses centrais do Gnosticismo); tenta reinterpretar da mesma maneira os textos sagrados do Cristianismo. O mesmo faz a chamada “Gnose cristã”, desenvolvida na França desde finais do século XIX, com René Guénon, Papus (conhecido maçónico do século XIX) e outros “Mestres”. Estes “Mestres” e seus sequazes fazem propaganda de que os 4 Evangelhos, por terem sido “manipulados” pelas primeiras Comunidades de fé (acham), não revelam o Jesus autêntico. A Sabedoria de Jesus, dizem, está mais clara em livros gnósticos como o “Evangelho de Tomé” (livro presentemente propagandeado na Europa, mas onde não constam actos de Jesus, nem sequer a Redenção e a Ressurreição; todo ele é preenchido com sentenças de carácter fortemente gnóstico, atribuídas a Jesus – mas que são de um Mestre gnóstico do século II). Em todos os Grupos Esotéricos, se afirma e professa o seguinte:

– Deus como Energia cósmica Universal, donde saíram emanações sucessivas que deram origem à diversidade do Universo; no fundo da escala está a matéria e o que é material (como o corpo humano), que não provieram da “fonte pura” da Divindade mas da mão de uma Emanação secundária que se enganou – chamaram-lhe desde o princípio “demiurgo”, e vários grupos do Gnosticismo antigo identificaram-no com o Deus do Antigo Testamento (assim, o “falado” Evangelho de Judas). Porém, apesar de grosseira, a matéria também emite vibrações (pois tem “alma”). Tudo vibra, diz o Esoterismo, e por isso recomenda-se oração simultânea em várias partes do mundo (anunciam), a fim de aumentar o potencial das vibrações humanas, trazendo felicidade à terra. Na ordem descendente das emanações, vem depois a “ma-

téria subtil” do espírito humano, o qual é uma “centelha divina” e resultado da Vibração do “Divino Cósmico”. O problema é que a gente não “iniciada”, vivendo no domínio da realidade “exotérica”, ignora que possui uma realidade “esotérica” dentro de si, o seu “Em Si”, de origem divina (o hinduísmo chama-lhe “atman”, uma centelha luminosa de “Brahman”). O mal radical é essa ignorância da sua realidade interior, feita de “luz divina”. Despertar a pessoa para este conhecimento integral (a “gnose”) da verdadeira natureza do seu “Eu”, tomando consciência de que é uma “centelha de Deus”, por uma autêntica “iluminação interior” (do género do “transe”), é a libertação, é o início da salvação, e é a “via da realização de Si próprio”. Há depois um longo caminho de iniciação a percorrer, o qual passa pela purificação do seu “Karma” (ideia do hinduísmo, significando a “carga” deixada pelos actos maus da vida passada, de que é necessário resgatar-se), libertação que se consegue, além dos exercícios da “gnose”, por sucessivas reencarnações purificantes. Como se vê, praticamente a totalidade dos Grupos Esotéricos e Neo-Gnósticos aceitam as teorias orientais do Karma e da reencarnação.

– Cristo é reduzido a uma manifestação, a par de outras, da Energia Divina Global (retomam a teoria do hinduísmo dos “avatares”, ou manifestações, reencarnadas ou não, do Deus Supremo ou alguma das suas principais emanações). Explicam assim, retomando ideias do antigo Gnosticismo: dentro do Plêrôma, tomou-se consciência a dado momento de que a “gnose” na terra estava perdendo força. Então o “Plêrôma” fez uma concentração maior de Energia Divina, e enviou à terra uma das principais Emanações do “Pai divino”: o seu próprio Verbo. Então, essa divina Emanação desceu sobre o “filho de Maria”, quando ele recebeu o batismo no rio Jordão, e trouxe aos homens uma “Gnose” renovada. Notem a releitura gnóstica de um passo dos Evangelhos. Notem a releitura gnóstica da pessoa de Cristo: Ele é um mero “Revelador,” pois trouxe à terra a “verdadeira gnose”. Para mais, uma vez que a matéria, em perspectiva gnóstica, é má, pois provém de um erro do demiurgo, o corpo de Jesus não podia ser verdadeiro, indigno da mais alta Emanação saída do “Abismo inicial”. Nega da realidade da Incarnação de Cristo (apenas fictícia), segue-se a negação da Crucifixão e da Redenção, como também da Ressurreição. Fica esvaziado o núcleo do mistério de Cristo.

À luz do que foi dito, apreciem a Profissão de Fé dos membros da “Igreja Gnóstica americana”: “Confesso a doutrina das Emanações e a salvação mediante a Gnose”. Segundo os hierarcas dessa “Igreja”, a quem pratica a “gnose” basta essa profissão de fé para se salvar. E agora a versão do “Pai Nosso” nessa “Igreja” Gnóstica: “Pai nosso que estás na profundidade dos “éons”, que o Teu Santo Logos seja compreendido e adorado em todo o Universo. Venha sobre nós o Teu Santo Eflúvio e nos purifique...etc.- Livra-nos das mi-

ragens enganadoras do Arconte. Pois que não temos mais ninguém senão a Ti, a quem pertence o reino, o poder e a glória pelos séculos e por todos os “Éons”.

Reparem nesta oração em favor dos “espíritos” prisioneiros da matéria: “Deus Omnipotente, Eterno Criador e Conservador de todos os seres, pedimos e suplicamos por todos os “espíritos” decaídos e presos no seio da Natureza mineral, em consequência da nossa própria caída. A estas almas, bem como a todas as outras dos outros Reinos, digna-te, Senhor Misericordioso, conceder a libertação e o regresso ao Plêrôma, à sua “sigizia” inicial (“sigizia” era, na linguagem do antigo Gnosticismo, o reencontro entre a parte masculina e a parte feminina, ao chegar ao “Plêrôma” final). Nota-se como as “Igrejas” Neo-Gnósticas retomaram a linguagem do antigo Gnosticismo. Essa Igreja Gnóstica (trata-se da Igreja Gnóstica Americana) organizou um culto que imita o da Igreja Católica, e usa uma imitação da Eucaristia (o que poderia ser considerado, em perspectiva cristã, um sacrilégio). Em vez da “consagração”, o Presidente diz: “Peço-te, Senhor, que as tuas forças de Luz e Vida fluam através de mim, teu servo consciente, de forma que este pão se torne uma Força Vital, e que todos os que o receberem possam ter mais vida e um poder maior...Faz que as tuas forças de Vida possam, através de mim, Teu cooperador, passar para este vinho, de forma que ele se transforme, cheio de poder, igual a um Fogo ardente, capaz de dar Luz e Vida a todas as almas sinceras”. – Notamos: como pode um cristão consciente ser simultaneamente membro de tal “Igreja” (a dupla pertença que o Esoterismo advoga)? Tudo nestes Grupos rescende a paganismo.

4. O VASTO LEQUE DO ESOTERISMO ACTUAL

Haverá que distinguir um “esoterismo difuso” na cultura e no ambiente social, a pouco-e-pouco corroendo a mentalidade cristã; e um Esoterismo oficial, estabelecido e propositado. Quanto a este, assinalo as várias “Igrejas Gnósticas” existentes, e o “Instituto Gnóstico de Paris”, promotor de Cursos, conferências e publicações, com intuito de expandir as ideias gnósticas. No seu romance (O Código...), Dan Brown diz ter consultado a biblioteca gnóstica; é de pensar que se trata da biblioteca deste Instituto. Mas o Esoterismo é presentemente uma Rede internacional. Está e não está ligado à Maçonaria e ao Rosa-Crucianismo: não está, enquanto estes Grupos são distintos; mas está, na medida em que a Maçonaria esteve ligada ao surgimento destes Grupos (sobretudo a 1ª “Igreja Gnóstica”, em França, em cuja constituição entraram membros seus (o fundador, Jules Doinel, era alto grau do “Grande Oriente de França”).

Vejam o que existe nesta data como revistas para expansão do Esoterismo e das ideias gnósticas: 3 revistas na Inglaterra; 2 em França e 2 na Bélgica; 2 na Alemanha; 1 nos Estados Unidos e 1 na Holanda. Numerosos livros também, uns de história destas correntes, outros em perspectiva cristã. Destes últimos destaque dois, excelentes, de Massimo Introvigne, director do Centro de Estudos da Nova Religiosidade (Turim – CESNUR – “site”-www.CESNUR.ORG): *Il ritorno del Gnosticismo*; e *“Il cappello del Mago”* – esoterismo, satanismo, spiritismo..., ambos editados por SUGARCO EDIZIONI.

No campo do “esoterismo difuso”, podemos citar o uso crescente de amuletos, a crença na força vibratória e curativa de certos metais, o apreço pela Astrologia, (que não tem nada de científico, até porque os cálculos sobre a posição e sobreposição dos astros nas constelações do zodíaco obedece a contas feitas na Antiguidade, ou há tanto tempo que, uma vez que a terra gira e tem um movimento de “precessão”, esses cálculos já não correspondem à realidade astronómica atual). Há ainda a multiplicação de pequenos livros que falam dos anjos em perspectiva gnóstica, como “Arcontes”, uns bons, outros maus – categorias, valor e influência dos mesmos. São “credulidades” a pôr de lado. Há o uso do “ank” – uma cruz cujo braço vertical superior tem forma de laço. Em realidade, não se trata de uma cruz, pois o “ank” é o símbolo, desde o tempo dos Faraós, da deusa “Ísis” do Egipto – deusa da imortalidade que leva as almas para a eternidade: trata-se de um símbolo pagão. Pior é que escolas e comunidades cristãs, na Europa, aceitem celebrar o “dia das bruxas”, o famoso “Halloween” (este termo do folclore inglês significa “véspera de todos os santos”), cedendo à pressão de grupos anticristãos, desejosos de substituir a festa de Todos os Santos por uma tradição pagã da antiguidade anglo-saxónica. É certo que este “Halloween” tem ares de um Carnaval antecipado; mas o que ele veicula (crença em magia, bruxas maléficas, fadas e “génios” das florestas) é pura mitologia pagã. Incrível que grupos de catequese infantil celebrem tal festa, apelando-se até por vezes a “dinâmica de inculturação” – chamada ao caso muito a despropósito.

A difusão de uma mentalidade esotérica passa hoje muito pelos romances de Paulo Coelho (o autor lusófono mais traduzido no mundo), pelas canções da cantora americana “Madonna” (cujo nome já é insulto à Mãe de Jesus; sendo de ascendência italiana, essa senhora sabe que “Madonna” é na Itália a designação popular da mãe de Jesus, de forma que usar esse nome com letra de canções pouco edificantes e com comportamentos erotizantes em palco, não é nada respeitoso para com Nossa Senhora). Madonna afirma cultivar a espiritualidade Kabalista, e denota-o em suas canções, quando faz referência à luz divina presente no Universo, à sua união a essa Luz, à unidade vital que a Divindade estabelece com tudo quanto é vivo. Veicularam ideias gnósticas

ainda FILMES como “Odisseia no Espaço –2001” e “O Senhor dos Anéis”, e a magia artificial dos livros e filmes do “Harry Potter”.

Preocupante, é a existência de “IGREJAS GNÓSTICAS” oficiais: Igreja Gnóstica de França, Igreja Gnóstica dos Estados Unidos, Igreja Gnóstica Católica, Igreja Gnóstica Universal... Tudo começou em 1870, quando um alto quadro da Maçonaria francesa (Jules Doinel), com um ex-sacerdote suspenso e sua “esposa” lançaram as bases de tal Igreja, a qual serviu de modelo para todas as que vieram depois. Retomaram ideias e rituais dos Cátaros (ou Albigenses) da Idade Média (por exemplo, em vez do Batismo, que usa um elemento “material”, o “consolamentum”, consistindo numa imposição de mãos com oração ao Espírito Santo; organizaram uma liturgia (e nisso colaborou um esotérico inglês de nome Aisley Crowley, que mais tarde virá a ser um dos fundadores do Satanismo americano).

Doinel afirmava ter tido uma visão de Jesus Cristo, que nessa aparição o ordenara Bispo. Passou depois a “ordenar” Padres e Bispos para a “sua” Igreja. Destes, alguns fundaram outras Igrejas gnósticas semelhantes. O que acontece é que vários desses Bispos foram depois receber uma ordenação de Bispos da “Igreja dos Velhos católicos” de Utreque, cuja qualidade episcopal repousa em ordenação tida por válida. Outros foram receber “ordenação” na Igreja “siro-malankar” do Kerala (Índia) e Sri-Lanka, cujo episcopado também é considerado válido. À imitação da Igreja Gnóstica de França, fundou-se idêntica Igreja Gnóstica nos Estados Unidos, a qual imita Liturgia e organização da Igreja Católica, da qual pretende ser uma alternativa: têm paróquias e dioceses (fundaram paróquias na Dinamarca e Noruega), têm triplo grau do “sacramento da Ordem” (imitação, claro), calendário litúrgico, Lecionário e Santos Mártires (os Cátaros da Idade Média, e por exemplo o filósofo do século XVI Giordano Bruno, todos vítimas da Inquisição). O “site” da Igreja Adventista dos Estados Unidos acusa a “Igreja Gnóstica” local de ter publicado uma “Bíblia Gnóstica” (além da literatura do antigo Gnosticismo), que não passa da Bíblia cristã “retocada”: onde se dizia “Deus”, os Gnósticos escreveram “Divindade”; onde se dizia “Cristo Filho de Deus”, puseram “filho dos deuses”. Mais grave é que, com as ordenações episcopais feitas de maneira selvagem, hoje haverá, dispersos no mundo, uns 300 “bispos vagantes”, com a agravante de alguns poderem ter recebido ordenação válida (a teoria de S. Agostinho é que Bispo validamente ordenado ordena validamente – o que traz um problema a resolver pelos canonistas).

Mas a expressão maior e “oficial” do Esoterismo no hemisfério norte, são os numerosos grupos existentes. Muitos, pretendendo ser sucessores da antiga Ordem do Templo, os Templários (extintos no século XIV), tendo tomado nova denominação: Ordem de Santa Maria Madalena, Ordem de S.

Miguel da Holanda, Ordem dos Cavaleiros de S. Sebastião... Alguns desses grupos, todos esotéricos, têm conseguido enganar Sacerdotes e Bispos, convidando-os a presidir e abençoar “profissão” ou “entronização” de supostos membros. Por isso, recentemente, a Santa Sé comunicou oficialmente que só existem duas Ordens Militares cristãs: Ordem de Malta, e Ordem dos Cavaleiros do Santo Sepulcro. A revista “Religioni e Sette nel mondo”, do Gris (ligado à Conferência Episcopal Italiana) trouxe no número 7 de 2003-04, uma lista de 24 Ordens falsas, além de mais 14 que se pretendem sucessoras dos Templários.

GRUPOS CULTORES DE TEORIA E PRÁTICA ESOTÉRICA são numerosos: Nova Acrópole, Fraternidade Branca Universal, Atlantis, muitos outros, evidenciando-se o AMORC (Antiquus Mysticus Ordo Rosae-Crucis): uma Federação mundial dos Rosa-Crucianos, sediada nos Estados Unidos e existente em numerosos países, é quiçá a Organização mais anticatólica da actualidade.

5. O INTERESSE DESTAS QUESTÕES:

Elas têm peso na cultura e actualidade do Hemisfério Norte. Por esse motivo, hoje, o estudo do Esoterismo é assunto para a disciplina de Sociologia Religiosa de muitas Universidades, onde se criou até por vezes uma cátedra explícita para esta temática: Sorbonne, Amsterdam, Santa Bárbara - Califórnia. Há autores que se evidenciam neste campo: Antoine Faivre em França, Hannegraaf na Holanda, Rousselot-Lacordaire em França, Richard Bergeron no Québec, Gordon Melton nos Estados Unidos.

Outro motivo para Pastores, Pastoralistas e Teólogos prestarem atenção a esta Temática, ajudando os crentes, quer a desbloquear objeções que daí surjam para a sua fé, quer a serem capazes de viver criticamente este pluralismo religioso selvagem, quer a firmarem a sua convicção religiosa em termos corretos e seguros, - outro motivo é o facto de o Esoterismo ocidental, qual braseiro onde sopram a Maçonaria mais radical e o Rosa-Crucianismo, fazer parte de uma convergência anticristã, e ainda mais anticatólica (em Outubro de 2006, nas duas principais Livrarias de Lisboa, estavam à venda 12 romances de intriga e violência, pondo em xeque personalidades da Santa Sé, quando não a própria pessoa do Papa). Podemos citar nesta vaga de assalto ao cristianismo e seus valores: o lobby gay, o satanismo, o laicismo político, os principais Grupos Esotéricos, a Teosofia, e a generalidade de grupos comungando da dinâmica do New Age ou “Nova Era”. Só o facto de o Esoterismo apresentar uma noção de Deus que choca com a Revelação cristã, e reduzir o

“mistério de Cristo” a um simples “avatar” cósmico da Divindade, bastariam para despertar a consciência pastoral dos Responsáveis da Igreja.

6. À LUZ DA EUCARISTIA, QUE CONFLITO COM O CRISTIANISMO?

Pois que estamos em Congresso Eucarístico, e tendo consciência da concentração de valores cristãos condensados à volta do mistério de Cristo Pascal e de Comunhão eclesial, cabe perguntar que aspetos da Santa Eucaristia são motivo, por colisão de ideias e valores, para rejeitar as teses principais do Esoterismo e do Neo-Gnosticismo. Podemos citar os seguintes aspetos:

- A “gnose” esotérica é ato e esforço humano: deixa de lado a dimensão de DOM e de GRAÇA, constitutivos da Mensagem cristã e bem expressos na Eucaristia;

- No Esoterismo, Cristo é apenas um “Revelador” de gnose, para mais, em alguns Grupos antigos, com um corpo humano irreal; a realidade da Incarnação (“ave, verdadeiro corpo da Virgem Maria, dela nascido” – um hino de S. Tomás de Aquino, o “Ave verum”), o Mistério Pascal de Cristo, são o núcleo central do mistério eucarístico, que o Esoterismo agride;

- No Esoterismo, Deus é um Ser impessoal e cósmico, longe do “Pai que nos dá o verdadeiro pão do céu” (Jo.6), e o Espírito Santo é uma emanção divina que o Esoterismo acha ser a “parte feminina” de Deus, quando é o Espírito Santo, Dom de Cristo enviado à Igreja, que consagra a Eucaristia (“epiclese”) e une a Comunidade em comunhão entre si e com Cristo;

- a Eucaristia é “mistério de fé”; a “gnose” suprime a fé, substituindo-a por um “conhecimento” ideológico. A Eucaristia realiza comunhão; a “gnose” não passa de uma “iluminação” psíquica, onde há muito de subjetivo, inclusive “magia” – e esta está totalmente ausente da Eucaristia;

- A Eucaristia é ato comunitário e eclesial; a “gnose” é ato individual, caracterizadamente narcisista;

- A Eucaristia é herança da Tradição Apostólica; a “gnose” resulta de uma elucubração humana, sincretista, tingida de mitologia;

- A Eucaristia celebra-se no quadro da “sucessão apostólica” e em fidelidade a ela, graças ao sacramento da Ordem; a “gnose” faz uma “hermenêutica”, em método de sua lavra, de símbolos e textos religiosos, incluindo os que se referem à Eucaristia;

- A Eucaristia é precedida de uma “exomológesis” (o rito penitencial, que vem desde o princípio da Igreja), purificante, para colocar os crentes em sintonia com a pureza de Deus; a “gnose” cultiva o que acha ser a “experiência espiritualizante” da sexualidade, recorrendo a teorias e prática do tantrismo

hindu (e é incrível que alguns Grupos Esotéricos da atualidade, tendo inventado certos ritos culturais, tenham retomado a incômoda “espermatofagia” dos antigos Carpocianos (do “Mestre” gnóstico Carpócrates, de Alexandria e no século III).

– Na base de tudo, está, na Gnose, um falseamento da noção de Deus e da função messiânica e Redentora de Cristo. Tão tingido de paganismo como está, custa aceitar que possam certos autores falar de uma “gnose cristã”, ou que os próprios Mestres do Esoterismo falem da possibilidade de uma dupla pertença simultânea – fé cristã e ingresso na AMORC, por exemplo, ou na Nova Acrópole.

7. O DESAFIO PASTORAL:

No pluralismo do nosso tempo, inevitável, e que, bem vistas as coisas, acaba por ser um bem, por conotar espaço de liberdade, é evidente que os Responsáveis da Pastoral terão de fornecer aos fiéis critérios que os ajudem a discernir o que é mensagem de Cristo, o que é falsificação humana, o que é artimanha do “tentador” que, segundo o Apocalipse, “seduz o mundo inteiro”. Daí a urgência do testemunho cristão dentro da sociedade, e a necessidade de preparar os cristãos para essa Missão. Parece evidente a necessidade de uma formação cristã sólida, de um conhecimento correto e profundo da Sagrada Escritura, e uma vivência cristã que não ceda às ambiguidades de símbolos e práticas com origem ou significado pagão. Convém ter presente que há grupos na Europa tentando relançar o paganismo pré-cristão, de culto das forças da Natureza, embrulhadas em mitologia aparentemente poética mas ofensiva da fé cristã, mesmo se os Meios de Comunicação lhe dão cobertura. É o caso, por exemplo, da tentativa de retomar as práticas religiosas do Druidismo celta, quando a TV convida para um ato de adoração cósmica em nome do “Deus” do Esoterismo: tratou-se afinal de ir saudar o “sol nascente”, com canto e dança (ou a passagem dos equinócios), chamando-lhe de “Cristo Cósmico”, Revelador da “Energia cósmica” que enche o mundo. Felizmente (isto passou-se e passa-se, por ocasião dos equinócios, na Escócia), poucos cristãos se deixaram levar no logro. Enfim, “para tempos novos”, metodologia pastoral adaptada. Tratando-se de ideologia religiosa vinda do norte, um aceno a uma autêntica e progressiva inculturação da fé no contexto africano, vem a propósito; e tal exigência de inculturação parece ser um acto de fidelidade à história de salvação, que o Espírito de Deus vai operando no mundo.

(Conferência proferida no Sumbe – Angola, em Outubro de 2006)